

ser dedicado à Independência, na data comemorativa, sem o acento ingênuo das inúmeras obras que se publicaram, em falso conceito do que seja História. Esta é uma obra de História, escrita com objetividade e crítica, não invocação ingênua. Se lhe fazemos tantos reparos é exatamente pelo que representa de exato e sério. O certo é que, pelo organizador e pelos colaboradores, por algumas premissas que se anunciam, ela promete mais que dá. Pretende ser revisionista, não-acadêmica, abridora de caminhos, quando só em raros momentos aflora essas notas. É livro útil, mas não é ainda o que se devia fazer para marcar a passagem do século e meio de independência. Como coletânea de estudos, faltou por certo aos autores tempo para pesquisas e reflexões que permitissem um passo mais expressivo do que é dado neste 1822: *Dimensões*, mais um título à laboriosa e lúcida carreira de historiador de Carlos Guilherme Mota.

FRANCISCO IGLÉSIAS

\*

\* \* \*

BROUÉ (Pierre). — *La Révolution Espagnole: 1931-1939*. Coleção “Questions d’Histoire” dirigida por Marc Ferro. Flammarion. 1973. 190 pp.

Sob o número 32 da coleção *Questions d’Histoire*, dirigida por Marc Ferro, Pierre Broué analisa a Revolução Espanhola, balizada cronologicamente entre 1931-1939.

A obra dividida em duas partes principais estuda: na primeira “os fatos” e na segunda “a documentação”.

O objetivo central do trabalho está dirigido para o mesmo enfoque já tentado por Emile Témime no livro *La Revolution et la Guerre d’Espagne*. Ambos mostram este processo revolucionário como autônomo e não um capítulo anterior a Guerra Civil que por sua vez é geralmente surpreendida como prefácio da Segunda Grande Guerra. Broué se propõe a simplificar a análise de Témime caracterizando ainda mais a revolução com uma problemática elementar mas independente.

*La Révolution Espagnole* é um cuidadoso estudo demográfico que relaciona a repartição da terra e do poder com a insatisfação do operariado, dos campesinos e dos estudantes. O trabalho é desenvolvido ao nível do conceito “ação-consciente” apontada por Cesar Lourenço em seu estudo *Les Anarchistes Espagnols et le Pouvoir*. A conclusão reforça a proposta central de Broué, evidenciando a existência de um movimento trabalhista organizado, com partidos e sindicatos, atingindo as massas rurais, os milhões de operários miseráveis das cidades, das minas e dos campos.

Com uma bibliografia atualizada, o autor elaborou através de um bom método e de precisa conceituação, um trabalho de alto nível para a historiografia espanhola.

*JOSE CARLOS SEBE BOM MEIHY*

\*

\* \* \*

FERNANDES (Florestan). — *A integração do Negro na sociedade de classes.* Dominus Editora. São Paulo, 2 vols. 655 págs., 1965. 1º Vol. “O legado da raça branca”. 2º Vol. “No limiar de uma nova era”.

A obra foi elaborada como tese para a cátedra de Sociologia I, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1964.

A proposição geral da obra estão descritas nas seguintes palavras do Autor (pág. XI — 1º vol.): “Em sentido literal, a análise desenvolvida é um estudo de como o Povo emerge na História, trata-se de assunto inexplorado ou mal explorado pelos cientistas sociais brasileiros. E nos aventamos a ele, através do negro e do mulato, porque foi esse contingente da população nacional que teve o pior ponto de partida para a integração ao regime social que se formou ao longo da desagregação da ordem social escravocrata e senhorial e do desenvolvimento posterior do capitalismo no Brasil”.

O Autor realizou suas pesquisas nos anos de 1941-44 e 1949-51 contando com a colaboração do professor Roger Bastide e também de alunos seus na época. Serviram-se de documentos escritos (jornais, manifestos, depoimentos, questionários), gravações de entrevistas, procurando reter as situações psicológicas e sociais que envolveram a mobilidade dos indivíduos tanto “brancos” como “negros” no interior da sociedade de classes em formação.

A unidade geográfica onde se desenvolveram as pesquisas foi São Paulo que para o autor era a cidade onde o capitalismo desenvolveu-se mais nas suas características básicas e por outro lado onde o elemento negro ou mulato sofreu problemas de desajustes psicológicos e sociais mais graves, que retardaram a participação plena desses elementos nas relações da sociedade então existente. Conforme ele afirma (pág. XII — 1º Vol.):

“Assim, o estudo de São Paulo permitia apanhar melhor as conexões existentes entre a revolução burguesa, a desagregação do regime servil e a expulsão do “negro” do sistema de relações de produção. E abria perspectivas únicas para acompanhar as diversas etapas do doloroso drama do “negro”, da submersão na miséria e na degradação social até sua lenta revalorização pelo trabalho livre e sua incontida ânsia de “pertencer ao sistema”, significando-se civil e moralmente”.